

Resumo de notícias econômicas

10 de Setembro de 2021 (sexta-feira)

Ano 3 n. 171

Núcleo de Inteligência da Sedet



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO E TRABALHO

PRINCIPAIS NOTÍCIAS DE POLÍTICA ECONÔMICA: 10 SETEMBRO DE 2021

Com disparada da inflação em agosto, mercado vê juro a 9% no fim do ano

O Estado de S. Paulo

Escalada dos preços. Pressionado pelo reajuste de combustíveis e alimentos, IPCA chega a 0,87% no mês, acumulando alta de 9,68% nos últimos 12 meses; resultado leva instituições financeiras a prever aumento ainda maior dos juros na próxima reunião do Copom

A disparada no preço da gasolina e dos alimentos fez a inflação oficial no País atingir a maior alta para o mês de agosto em 21 anos. O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou variação de 0,87% no mês passado, superando as estimativas mais pessimistas do mercado. No acumulado dos últimos 12 meses, o IPCA já soma 9,68%, tendo ultrapassado a marca dos dois dígitos em oito das 16 cidades pesquisadas pelo IBGE.

Como resultado, os economistas começaram a revisar suas estimativas para a inflação e, por tabela, para a taxa básica de juros no fechamento deste ano. Alguns analistas já falam em uma Selic de 9% até dezembro. “O mercado já está dando como certo que o Banco Central vai acelerar o ritmo de alta (dos juros)”, disse o estrategista do Banco Mizuho, Luciano Rostagno.

A meta de inflação para 2021 é de 3,75%, com tolerância de 1,5% para baixo (2,25%) ou para cima (5,25%). Para alcançá-la, o Banco Central eleva ou reduz a Selic, que hoje está em 5,25% ao ano. Na hipótese da meta ser descumprida, o presidente do BC, Roberto Campos, terá de enviar uma “carta aberta” ao ministro Paulo Guedes, explicando as razões para o estouro.

Antes da divulgação do IPCA, o consenso no mercado era de uma nova alta de 1 ponto porcentual na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), marcada para os dias 21 e 22. Agora, os analistas não descartam uma elevação de 1,25 ponto.

Surpreendido com o IPCA de agosto, o sócio e economista da AZ Quest, Alexandre Manoel, está revendo seus números. Ele afirmou que sua projeção para a Selic, que estava se encaminhando para 8%, deve ficar mais próxima dos 9% no ano. Já a gestora de recursos Quantitas Asset trabalha com uma previsão para a Selic de 8,75% até dezembro, mas acredita que a taxa de juros deve chegar aos dois dígitos ao fim do ciclo de aperto monetário, esperado para março de 2022. Pelas suas projeções, a taxa pularia dos atuais 5,25% para 10% ao ano em março de 2022. A corretora Ativa Investimentos calcula que seria necessário elevar a taxa Selic a 10% para fazer a inflação convergir para o centro da meta em 2022 (de 3,5%).

“É um remédio amargo subir juros neste cenário de desemprego e atividade que precisa se recuperar da pandemia. Mas é melhor esse remédio amargo agora do que deixar a inflação continuar crescendo”, opinou a economista-chefe do Banco Inter, Rafaela Vitória.

Segundo o economista Fábio Romão, da LCA Consultores, só a entrada em vigor da bandeira tarifária “escassez hídrica”, que adiciona a cobrança de R\$ 14,20 a cada 100 kWh consumidos, aumenta o IPCA em 0,30 ponto porcentual, mas ainda “pode afetar indiretamente na formação dos preços de grande parte de bens e serviços”.

O IPCA de agosto mostrou que a inflação está mais disseminada. O índice de difusão do indicador – que mostra o percentual de itens com aumentos de preços – subiu de 64%, em julho, para 72% em agosto, maior resultado desde dezembro de 2020.

Segundo o IBGE, a alta do dólar tem influenciado o encarecimento de combustíveis, enquanto a crise hídrica provoca um aumento na energia elétrica. Os alimentos estão mais caros, sob pressão tanto das exportações quanto de problemas climáticos, como geada e estiagem, que reduzem a oferta de produtos no mercado doméstico. “As geadas podem ter influenciado os itens, como frutas e hortaliças. Reduz a oferta e faz com que os preços subam”, explicou André Almeida, analista do Sistema Nacional de Índices de Preços do IBGE.

O encarecimento dos alimentos e dos transportes respondeu por mais de dois terços da inflação de agosto. As famílias gastaram 1,39% a mais com comidas e bebidas, diante de aumentos em itens como a batata inglesa, café moído, frango em pedaços, frutas e carnes.

O custo do transporte foi o que teve a maior alta no mês, 1,46%, puxado pelos combustíveis. A gasolina subiu 2,80%, item de maior impacto na inflação do mês passado, mas também houve aumentos no etanol (4,50%), gás veicular (2,06%) e óleo diesel (1,79%).

Para economistas, alta é global, mas pega País mais vulnerável

Broadcast

A aceleração da inflação, que acumula quase 10% em 12 meses, tem origens num fenômeno global, associado à pandemia, mas é agravada por problemas nacionais, como a estiagem – que encarece a conta de luz – e a alta do dólar, causada pela crise política – que encarece importados e combustíveis, afirmam pesquisadores do Ibre/FGV. Ao participar do III Seminário de Análise Conjuntural de 2021, promovido em transmissão via internet pelo Ibre/FGV, os especialistas alertaram para a necessidade de uma ação coordenada de todo o governo, e não apenas do Banco Central (BC).

Segundo José Júlio Senna, chefe do Centro de Estudos Monetários do Ibre/FGV, inflação elevada é um fenômeno “novo e raro”, que ocorre no mundo todo, em decorrência da covid-19. “O que pandemia fez? Inibiu a produção e a distribuição de bens, os gargalos de oferta apareceram, e produziu o desvio de demanda de certos serviços para certos bens”.

Pelo lado da oferta, as medidas para conter a pandemia atrapalharam a produção. Fábricas fechadas no início de 2020, o sistema de frete marítimo foi desorganizado e as paradas de produção causaram, com efeito cascata, escassez e encarecimento de componentes. Pelo lado da demanda, as famílias deixaram de gastar com serviços (por causa da covid-19) e passaram a gastar com bens, num movimento turbinado pelas políticas de transferência de renda adotadas por diversos países. A combinação de oferta restrita com demanda elevada resulta em elevação de preços. Na visão de Senna, “ninguém sabe” até quando esse fenômeno seguirá. “Não há registro, no mundo, de analistas ou empresários que entendam que esse fenômeno vai passar. É algo que demora, vamos entrar em 2022”, completou o pesquisador.

Sinais de desequilíbrios das contas públicas, declarações recentes do presidente Jair Bolsonaro e o rumo das propostas econômicas do governo no Congresso Nacional tornam “muito difícil” a tarefa do BC de controlar a inflação, disse Senna.

Já Armando Castelar, coordenador da área de Economia Aplicada do instituto, para além da falta de ajuda da política econômica como um todo, o BC falha ao “ficar a reboque” no combate da inflação. Para o pesquisador, o BC demorou a reagir, com elevação de juros e comunicados ao mercado. No fim de agosto, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, fez um discurso mais alinhado com o governo, argumentando que os números não mostravam deterioração do cenário fiscal. Segundo Castelar, o BC subestimou as projeções de inflação em suas estimativas públicas e minimizou o desequilíbrio fiscal em sua comunicação.

Empresas se antecipam e fazem captações

O Estado de S. Paulo

Com tensão política, inflação e juros em alta, grandes empresas estão captando recursos no mercado para reforçar o caixa e rolar ou alongar dívidas tomadas antes e durante a pandemia. O mercado de debêntures vive um boom de anúncios de emissões.

Diante da antecipação das tensões político-eleitorais e da perspectiva de inflação e juros atingirem patamares mais elevados no ano que vem, várias empresas estão captando bilhões em recursos no mercado para reforçar seus caixas e rolar ou alongar dívidas tomadas antes e durante a pandemia. O mercado de debêntures viu um boom de anúncios de emissões por gigantes como Comgás, 3R Petroleum, Vibra e Hypera, com operações de cerca de R\$ 1 bilhão. Embora a taxa Selic tenha saído de 2% em março para 5,25% em agosto, com as expectativas de que chegue a 8% no final do ano, o custo de captação para as empresas ainda é favorável.

Algumas empresas já começaram a acessar também o mercado externo em busca de recursos. Setembro é tradicionalmente a segunda melhor janela do ano para captações no exterior, com investidores voltando do período de férias. Movida e Suzano levantaram US\$ 300 milhões e US\$ 500 milhões, respectivamente. Com as perspectivas de mudança na tendência do juro local e externo, e a incerteza política ameaçando o cenário fiscal e macro, as companhias buscam antecipar operações que eventualmente

fariam mais adiante. Especialistas acreditam que outras companhias devem acessar o mercado de dívida externa até o final do ano, em montante que pode superar os US\$ 3 bilhões somente este mês.

Segundo o diretor de renda fixa e produtos estruturados do Itaú BBA, Felipe Wilberg, nos patamares atuais de custo as empresas olham para seus passivos e começam a antecipar renegociações de dívidas e alongar prazos, considerando a perspectiva de as taxas subirem um pouco mais. Segundo ele, as empresas estão voltando a alongar o prazo médio de suas dívidas.

A tendência de uma alta mais acentuada nos juros foi reforçada com a divulgação de ontem do IPCA de agosto. O dado ficou acima do esperado pelo mercado, no maior patamar em 21 anos, e levou analistas a revisar a previsão da Selic para cima. “Em 2019, havia um volume enorme de ofertas, e as empresas AAA (de primeira linha) captavam a CDI mais 1% ou 0,80%, ao prazo de cinco anos.

Fundo do BTG de R\$ 540 mi mira negócios de impacto

Broadcast

O BTG Pactual está buscando empresas de alta governança, com porte médio e algum tempo de estrada, para comprar. O banco criou seu primeiro fundo de impacto e conseguiu captar R\$ 542 milhões em uma oferta pública. A estratégia da instituição financeira é colocar por volta de R\$ 80 milhões em cada companhia, desde que sejam transformadoras, e, especialmente, atuem em setores como saúde, educação, gestão de resíduos, energia renovável e agronegócio sustentável. Além disso, devem gerar impacto positivo na sociedade e no meio ambiente. Duas empresas já receberam aportes: a Gran Cursos (de educação pela internet) e a Siagri (software para o agronegócio), em processo de fusão com a Datacoper, em uma operação auxiliada pelo fundo. Nessas e nas próximas companhias a serem investidas, o BTG terá participação minoritária, mas ao mesmo tempo relevante. Pelo regulamento, o fundo não pode ter mais de 25% de seu capital alocado em uma única companhia.

Fundos de impacto são os voltados a companhias que tenham, além de boa governança, fontes de renda e lucro em atividades que impactam positivamente a

sociedade e o meio ambiente. O nicho ganhou peso entre endinheirados na pandemia. Aos poucos, ganha espaço também entre investidores com menos recursos para aplicar.

Primeiro do banco na área, o fundo do BTG permitiu investimento mínimo de R\$ 100 mil, valor baixo para carteiras de participação, normalmente na casa dos milhões. Algumas gestoras já se aventuraram nesse território no Brasil, como XP, Constellation, JGP, Fama, Faro e Warren. O TozziniFreire estruturou o fundo do BTG.

Expansão do Ensino Básico

Broadcast

O grupo Eleva Educação, gigante no setor de ensino básico e que tem o bilionário Jorge Paulo Lemann como um dos principais acionistas, acaba de adquirir a rede de colégios ISO Colégio e Cursos de João Pessoa. Com quatro unidades na capital da Paraíba, tem quase 3 mil alunos. O valor da transação é mantido em sigilo.

Com a incorporação da ISO e o acordo para a aquisição de escolas que pertencem ao Grupo Cogna este ano, o Eleva passará a ter 190 unidades em todo o País e cerca de 120 mil alunos. A transação com a Cogna ainda depende do aval do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

Mercado Financeiro e Terceira Via

Broadcast

Aos poucos, lideranças do mercado financeiro começam a se posicionar para tentar formar uma terceira via alternativa a Bolsonaro e Lula, nas eleições de 2022. Na véspera do Sete de Setembro, Ricardo Lacerda, sócio do BR Partners, postou o vídeo no qual o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite (PSDB) comemorava a data. Lacerda escreveu: “Nenhum dos 2 em 2022! Terceira via tá aí!!!”. “Precisamos trabalhar pela terceira via”, disse Lacerda. “O Brasil precisa de trabalho e união.” No vídeo, é o que Leite prega. Para Lacerda, Leite “está construindo pontes na sua gestão como governador e no cenário político nacional.” Segundo ele, uma união de partidos de centro significaria maior tranquilidade na condução econômica.

Os investimentos na economia paulista em 2021

Broadcast

A tendência de queda de investimentos na economia do Estado de São Paulo, que se observa desde a segunda metade de 2019, acentuou-se no início da pandemia e manteve-se nos primeiros seis meses de 2021. A Pesquisa de Investimentos Anunciados no Estado de São Paulo (Piesp) apresentada no último boletim da Fundação Seade sobre o tema mostra essa tendência com grande nitidez. Há forte influência dos programas de privatização e de concessão de serviços públicos a empresas privadas nos resultados da Piesp. Projetos de privatização, sobretudo na área de infraestrutura, envolvem grandes somas e compromissos das empresas privadas de investir fortemente, daí o registro de valores expressivos em determinado período.

O anúncio de grandes projetos privados nas áreas de logística e de energia igualmente influencia decisivamente no volume de investimentos no Estado. Foi o que ocorreu em 2019, quando se anunciaram investimentos num etanolduto entre a região da Grande São Paulo e o Porto de Santos e na expansão do sistema de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica de uma grande concessionária. No primeiro semestre daquele ano, a Piesp registrou investimentos de R\$ 68,0 bilhões na economia paulista. O resultado de todo o ano, quando os investimentos alcançaram R\$ 100,12 bilhões, é o terceiro maior da década passada.

Desde aquele ano, porém, os resultados semestrais vêm decrescendo, até alcançar R\$ 21,1 bilhões nos primeiros seis meses de 2021, menos de um terço do resultado de dois anos antes. Também em 2021 a maior parte dos investimentos (47% do total) concentrou-se em infraestrutura, especialmente de transportes. O governo estadual concedeu ao setor privado obras e serviços de transporte de passageiros por trens e ônibus e prorrogou contratos de concessão de rodovias.

Houve investimentos também em energia. Mas cabe destacar as atividades imobiliárias – cujo desempenho vem propiciando a geração de empregos –, inclusive em condomínios logísticos. O aquecimento imobiliário estimulou a indústria de produtos de madeira.

O comércio recebeu, no primeiro semestre, o maior volume de investimentos já detectado pela Piesp, sinal de confiança do setor. A agropecuária investiu em máquinas e veículos com tecnologia embarcada.

Entrevista ‘Com pouco crescimento, estamos em estagflação’

O Estado de S. Paulo

Para o economista, o País vive combinação de alta acentuada de preços e baixo crescimento. Pautado sempre pela moderação, o economista Heron do Carmo, professor sênior da FEA/USP e um dos maiores especialistas em inflação, vê com preocupação o quadro atual da economia brasileira. Na sua avaliação, o Brasil está em estagflação. É uma situação que combina inflação elevada para os padrões pós-Plano Real com atividade econômica comprometida.

A vilã do momento, segundo Heron, é a crise institucional, o que piora o cenário econômico e da inflação. Esse fator se junta aos problemas que já vinham complicando o cenário de preços, como a alta dos alimentos, dos combustíveis e a crise hídrica, por exemplo. A seguir, os principais trechos da entrevista:

- **Como o sr. avalia o resultado da inflação de agosto?**

Estamos vivendo uma fase de surpresa sempre para pior. Segundo o Boletim Focus (do Banco Central), estamos na 22.^a semana seguida de alta de inflação para a previsão deste ano. O resultado de hoje de alta de 0,87% do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) de agosto veio acima da previsão do mercado, de 0,70%. Teremos muito provavelmente a continuidade do processo de aumento da previsão de inflação. Essa instabilidade institucional está contribuindo para piorar a situação.

- **Qual é a sua previsão de inflação para este ano?**

Se não acontecer nada muito diferente até o final do ano, acredito que o IPCA feche 2021 em torno de 8,5%, quase um ponto porcentual acima do que se tinha até então. Temos um cenário de incerteza internacional como consequência da pandemia da tensão com a China e, no plano interno, uma situação de estresse institucional. Esse aumento da incerteza, da insegurança, normalmente leva a uma piora na inflação, uma piora da atividade econômica e a uma deterioração dos fundamentos. Além disso, temos um problema de conjuntura, de inflação alta e atividade menor para o próximo ano. O

crescimento que se pensava entre 2,5% a 3% pode ser bem menos. Por outro lado, tudo isso contribui para comprometer o fundamento fiscal, o que contraria a continuidade da crise para o futuro.

- **Vamos entrar em estagflação?**

Estamos entrando em estagflação, com a economia crescendo pouco, provavelmente na faixa de 1%, em 2022. Para os padrões pós-Plano Real, estamos com uma inflação especialmente elevada com atividade econômica comprometida.

A situação é preocupante. A inflação está se mantendo acima do previsto e deve se sustentar assim no próximo ano. A previsão do mercado está em torno de 4%. É pouco provável que a inflação de 2022 fique abaixo de 5%. Por ora, vejo inflação na faixa de 6%.

- **Por quê?**

Temos, de um lado, as pressões decorrentes da vacinação sobre os preços dos serviços, que estão muito defasados. Temos os efeitos da crise hídrica, que afetou a produção agrícola. Há também a questão da energia elétrica ligada à crise hídrica, a incerteza em relação ao preço do petróleo, agravado pelo fato de a taxa de câmbio estar 10% acima do esperado.

- **A inflação está fora de controle?**

Não é que esteja fora de controle. Quando se fala em controle, logo vem a questão fiscal. E, felizmente, temos o teto de gastos, que vem dando conta do recado.

- **Como sair disso?**

Subir taxas de juros resolve o problema da alta da inflação neste momento? Atenua. O nosso problema passou a ser de outra ordem: estabilidade política e institucional. Isto é, a certeza de que as regras do jogo serão cumpridas. A instabilidade institucional leva a mais inflação e a menos crescimento.

- **Subir juros é uma parte do problema, então?**

Subir juros é algo para combater o sintoma. Mas precisamos combater a doença.

- **A solução é uma questão institucional?**

Os agentes políticos têm de ter bom senso, gerenciar a situação e resolver a questão das eleições. Quem ganhar ganhou e quem perder perdeu. O fundamental é ter garantias para as regras do jogo.

• Hoje pesa mais na inflação a questão da crise institucional do que a alta dos preços de uma maneira geral?

Não. Os preços de uma maneira geral e a crise hídrica têm efeito. Se estivéssemos numa situação institucional tranquila, a expectativa seria de que a economia continuasse a sua retomada com a vacinação. A inflação recuaria pelo fato de os choques perderem força. Ocorre que, com a instabilidade institucional, isso, de certa forma, contrapõe-se a essa expectativa favorável que ocorreria se tivéssemos em situação de normalidade.

Inflação amplia impacto na Previdência

Broadcast

O secretário especial do Tesouro e Orçamento do Ministério da Economia, Bruno Funchal, disse que a inflação maior deve causar impacto nos benefícios previdenciários em 2022, que ficarão acima do previsto no Orçamento enviado pelo governo em agosto. A previsão inicial feita pelo governo era de que essas despesas aumentassem R\$ 52,7 bilhões, mas o valor efetivo deve ser de alta de R\$ 60 bilhões. Na elaboração do Orçamento, a equipe econômica considerou uma inflação de 6,2%, número que vem crescendo.

“Maior despesa indexada que, faça chuva ou faça sol, vai ter aumento no ano seguinte é a com benefícios previdenciários. Esses R\$ 52,7 bilhões foram reajustados quando estávamos elaborando o Orçamento em julho e o índice de inflação estava em 6,2%. Agora já está em 7,5% e provavelmente chegue próximo a 8%”, afirmou o secretário, em audiência pública na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) da Câmara dos Deputados para discutir a alteração das regras de pagamentos de precatórios (PEC 23/2021). De acordo com o secretário, o aumento dessas despesas tomará a maior parte do espaço do teto de gastos (regra que limita o aumento dos gastos à variação da inflação) no ano que vem, que é de R\$ 136,6 bilhões.

Efeito da seca no campo

Broadcast

A falta de chuvas e as geadas dos últimos meses frustraram de vez as perspectivas para mais uma colheita de grãos recorde no País. Divulgada pelo Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a estimativa da safra de 2021 foi reduzida para 251,7 milhões de toneladas, 1% abaixo do desempenho do ano passado. Há ainda a possibilidade de novas reduções nos próximos meses. “São cinco meses consecutivos de redução da estimativa da safra. São perdas consolidadas, não tem mais como recuperar isso (o volume recorde de produção). O que pode ocorrer nas próximas revisões é, na verdade, termos perdas um pouco maiores, com ajustes nas estimativas do milho”, disse Carlos Alfredo Guedes, gerente de agricultura do IBGE, ao comentar ontem o resultado do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de agosto.

Se confirmada, a queda na produção de grãos de 2021 será a primeira desde 2018. Naquele ano, a produção de grãos foi de 227,5 milhões, 4,7% abaixo do desempenho do ano anterior. Mesmo assim, a safra de 2021 será a segunda maior da história, atrás apenas da registrada no ano passado, que somou 254,1 milhões de toneladas. A série histórica tem início em 1975, ano em que a agricultura brasileira produziu 39 milhões de toneladas.

Segundo a pesquisa do IBGE, o agronegócio brasileiro plantou 68,3 milhões de hectares em 2021, 4,3% a mais em relação a 2020. A produtividade, porém, será significativamente menor nas culturas de segunda safra, com destaque para o milho. O levantamento de agosto mostrou que a segunda safra do grão deve chegar a 61,7 milhões de toneladas em 2021, 19,4% inferior ao ano passado. A colheita do milho já está praticamente concluída.

O gerente da pesquisa explicou que o atraso no plantio e na colheita da soja gerou um efeito dominó, que atrapalhou a produção do milho. Como a segunda safra do milho é plantada somente após a soja ser colhida, aproveitando a mesma área, a “janela” dos produtores foi reduzida, deixando as lavouras dependentes de um clima favorável. “As chuvas não se confirmaram, então houve uma grande queda no rendimento médio e da produção do milho”.

Além do milho, a produção de sorgo deve recuar neste ano, para 2,4 milhões de toneladas, 13,8% menor do que a do ano passado. Como ambos os grãos são usados na composição de ração, produtores de aves e suínos devem continuar com seus custos pressionados. No mercado internacional, a tendência do preço do milho também é de alta.

“O custo desses produtores já está bastante pressionado. O milho representa 70% dos componentes da ração de suínos e aves e já vinha com preço elevado. O que poderia amenizar um pouco o preço seria uma safra muito boa, o que não aconteceu”, disse Guedes. “O País já vem buscando importar um pouco de milho de mercados vizinhos, inclusive por uma questão de preço, mais até do que quantidade.”

A produção agrícola nacional não será ainda menor neste ano por causa do bom desempenho da soja. Com a colheita já concluída, o IBGE estima produção de 133,8 milhões de toneladas do grão, 10,1% maior do que no ano passado. É um novo recorde histórico para a cultura, que ocorreu a despeito do atraso inicial do plantio.

A safra de arroz também foi considerada muito boa neste ano, ao crescer 4,3% em relação a 2020, somando 11,5 milhões de toneladas. De acordo com o IBGE, a produção será suficiente para abastecer o mercado brasileiro, possibilitando maior equilíbrio nos preços. Em 2020, o preço do cereal alcançou patamares históricos por causa do aumento do consumo interno, além do crescimento das exportações diante do dólar valorizado.

Agora, as expectativas se voltam para os cereais de inverno, especialmente o trigo, outra safra importante para a mesa dos brasileiros. O IBGE estima que a produção do trigo vai atingir 8,2 milhões de toneladas, 31,8% acima do ano passado. Segundo

Guedes, o grosso da colheita vai ocorrer no fim do ano no Rio Grande do Sul, o maior produtor nacional. “Na época da colheita, o trigo pode sofrer com excesso de chuva. Não pode chover muito”, disse o gerente do IBGE. Entre os estados, Mato Grosso lidera como o maior produtor nacional de grãos, com uma participação de 28,2%, seguido por Rio Grande do Sul (14,9%), Paraná (13,5%), Goiás (9,3%), Mato Grosso do Sul (7,7%) e Minas Gerais (6,1%).

Recuo de Bolsonaro faz Bolsa subir 1,72%

Broadcast

Tudo indicava mais um dia de perdas, até que a divulgação de uma carta do presidente Jair Bolsonaro com elogios ao ministro Alexandre de Moraes, do STF, mudou o humor dos investidores e levou o Ibovespa, principal indicador da Bolsa brasileira, a fechar em alta de 1,72%, aos 115,3 mil pontos. A virada aconteceu em minutos. Até

pouco antes das 16h30, a B3 registrava queda de 0,6%, depois de tentar se firmar no terreno positivo durante boa parte do pregão. Após a divulgação da nota, por volta das 16h40, o índice recuperou 3 mil pontos.

O movimento não foi diferente no caso do dólar. A queda até então de pouco mais de 1% se acelerou nos últimos minutos do pregão, e a moeda fechou o dia cotada a R\$ 5,2273 – recuo de 1,86%, o maior em porcentual desde 24 de agosto.

Resultado bem diferente do dia anterior, quando a Bolsa despencou 3,78% como reflexo das ameaças feitas por Bolsonaro durante os atos de 7 de Setembro de que não aceitaria mais as decisões definidas pelo Supremo. Ontem, ele voltou atrás e afirmou na nota que “nunca tive nenhuma intenção de agredir quaisquer dos Poderes”. “A harmonia entre eles (os Poderes) não é vontade minha, mas determinação constitucional que todos, sem exceção, devem respeitar.” A nota com o tom mais ameno foi elaborada com a ajuda do ex-presidente Michel Temer, que Bolsonaro mandou buscar em São Paulo para uma reunião no Palácio do Planalto.

Com a recuperação dos negócios, as ações de Petrobras PN e ON mostravam ganho de 2,12% e 0,93%, respectivamente, enquanto entre os grandes bancos os ganhos chegaram a 1,76% para Banco do Brasil ON. Na ponta do Ibovespa, PetroRio Eletrobras ON subiu 6,07%. No lado oposto, Vale ON caiu 0,36%.

“A importância do diálogo entre os Poderes para reduzir os ruídos políticos e, em especial, evitar o isolamento, era a única forma de reduzir o estresse da curva de juros e oferecer um risco menor, para, assim, justificar o potencial de valorização atual”, disse Rafael Ribeiro, analista da Clear Corretora. Para o sócio e economista-chefe da JF Trust, Eduardo Velho, o mercado rapidamente “operou” as declarações de Bolsonaro, derrubando o dólar e tirando a Bolsa do campo negativo. “Mas acredito que o mercado vai se manter receoso ainda para saber se essa carta do Bolsonaro vai realmente aliviar a crise entre os Poderes”, afirmou ele.

EUA lançam plano para aumentar geração de energia solar.

Reuters

O governo Biden divulgou na quarta-feira um plano para que quase metade da eletricidade produzida nos Estados Unidos seja solar até 2050, como parte do esforço

do país para combater as mudanças climáticas. A energia solar forneceu menos de 4% da eletricidade do país no ano passado, e a meta do governo de 45% representaria um enorme avanço, além de provavelmente levar a uma reformulação do setor de energia. Em um novo relatório, o Departamento de Energia disse que o país precisava dobrar a quantidade de instalações de painéis solares a cada ano nos próximos quatro anos em comparação ao ano anterior. E, depois, será preciso dobrar as instalações anuais outra vez até 2030.

Não será uma tarefa fácil instalar tantos painéis solares em telhados e áreas abertas. Em fevereiro, uma divisão do Departamento de Energia calculou que a parcela de eletricidade produzida por todas as fontes renováveis, entre elas solar, eólica e hídrica, chegaria a 42% até 2050 com base nas tendências e nas políticas atuais.

O novo plano do departamento está alinhado com o que a maioria dos cientistas do clima diz ser necessário. Esses especialistas afirmam que reduzir as emissões líquidas de gases de efeito estufa para zero até 2050 é essencial para limitar os piores efeitos do aquecimento global – e um uso maior de fontes de energia renováveis como painéis solares e turbinas eólicas será necessário. Mas os funcionários do governo apresentaram apenas um esboço geral de como esperam chegar lá. Muitos dos detalhes serão decididos por legisladores no Congresso, que trabalha em um projeto de infraestrutura bipartidário e em uma proposta democrata muito maior que poderia autorizar US\$ 3,5 trilhões em gastos federais.

Uma vantagem para o governo é que o custo dos painéis solares caiu consideravelmente na última década, tornando-os a fonte de energia mais barata em muitas partes do país. O uso de energia solar e eólica também cresceu muito mais rápido nos últimos anos do que a maioria dos analistas governamentais e independentes previra.

“Uma das coisas que esperamos que as pessoas percebam e aprendam com este relatório é que é acessível descarbonizar a rede”, disse Becca Jones-Albertus, diretora do Escritório de Tecnologia de Energia Solar do Departamento de Energia. “A rede permanecerá confiável. Só precisamos construir.”

O governo está argumentando que os EUA precisam agir rapidamente porque não fazer nada para reduzir a dependência do país de combustíveis fósseis também tem

custos significativos, especialmente devido à ligação entre condições meteorológicas extremas e mudanças climáticas. Em uma visita na terça-feira para inspecionar os danos provocados pelas chuvas intensas causadas pelo furacão Ida em Nova Jersey e Nova York, o presidente Joe Biden disse: “A nação e o mundo estão em perigo”.

Alguns desastres naturais recentes foram agravados por fragilidades no sistema de energia. O furacão Ida, por exemplo, causou um grande prejuízo na rede elétrica da Louisiana, onde centenas de milhares de pessoas estão sem energia há dias. No inverno passado, uma tempestade também deixou grande parte do Texas sem eletricidade durante dias. E na Califórnia, equipamentos da empresa que fornece energia na região provocaram vários grandes incêndios florestais, matando muitas pessoas e destruindo milhares de casas e empresas.

Apesar disso, muitos analistas e até mesmo alguns do setor de energia solar estão céticos de que o governo consiga atingir seus objetivos eco sustentáveis. Além da meta de 45% de energia solar, Biden disse que quer reduzir a zero as emissões líquidas de gases de efeito estufa do setor de energia até 2035. Ele também quer adicionar centenas de turbinas eólicas em alto-mar, atualmente há sete nas águas da costa do país e que até metade de todos os carros novos vendidos seja elétrica até 2030.

Embora a energia renovável tenha crescido rápido, contribui com cerca de 20% da eletricidade do país. O gás natural e o carvão são responsáveis por cerca de 60%. “Esse tipo de aceleração rápida de implantação só vai acontecer por meio de decisões políticas inteligentes”, disse Abigail Ross Hopper, presidente da Associação das Indústrias de Energia Solar.

Desafios como disputas comerciais também podem complicar o esforço de Biden por mais energia solar. A China domina a cadeia de suprimentos global de painéis solares, e o governo americano recentemente começou a proibir as importações ligadas à região chinesa de Xinjiang devido a preocupações com o uso de trabalho escravo. Embora muitas empresas de energia solar digam que estão trabalhando para deixar de usar os materiais produzidos em Xinjiang, especialistas em energia afirmam que a proibição de importação poderia diminuir a velocidade da implementação desses projetos.

Biden quer usar créditos fiscais para encorajar o uso de sistemas de energia solar e baterias em residências, empresas privadas e de serviços públicos. O governo também quer que os governos locais agilizem a obtenção de licenças e a construção de novos projetos de energia solar – em alguns lugares pode levar meses para instalar painéis solares na casa de uma única família, por exemplo.

Os textos do conteúdo exposto neste informativo não são de autoria do Governo do Estado do Ceará.

Assessoria de Comunicação – Sedet

Fone: (85) 3444.2900

www.sedet.ce.gov.br

INDICADORES ECONÔMICOS E SOCIAIS

Atualizado no dia 26.08.2021

TAXA DE CRESCIMENTO ANUAL DO PIB (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	1,45	2,67	-3,56	5,77
Brasil	1,78	1,41	-4,06	4,85

VALOR CORRENTE DO PRODUTO INTERNO BRUTO ANUAL (PIB) (R\$ MILHÕES) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
Ceará	155.903,82	166.959,80	168.285,73	188.355,17
Brasil	7.004.141,00	7.407.023,57	7.447.858,25	8.263.567,80

PARTICIPAÇÕES PIB ANUAL (%) (JAN-DEZ)				
	2018	2019	2020*	2021**
PIB_CE/PIB_BR	2,23	2,25	2,26	2,28
Participações População (%)	4,35	4,35	4,34	4,33

Fonte: IBGE e IPECE. Atualizado em 17/06/2021.

Notas: (*) Valores estimados, sujeitos a revisão; (**) Valores projetados, sujeitos a revisão;

CONTAS EXTERNAS DO CEARÁ (US\$ MILHÕES) (JAN-JUL)				
	2018	2019	2020	2021
Exportações	1.025,65	1.130,41	951,02	1.406,49
Importações	1.305,02	1.097,79	1.206,18	1.742,31
Saldo Comercial	-279,37	32,62	-255,16	-335,82

Fonte: MDIC.

ESTOQUE DO VOLUME DE CRÉDITO				
	2018	2019	2020	2021 (Até junho)
Brasil (R\$ Tri)	-	3,48	4,02	4,21
Ceará (R\$ Bi)	71,32	76,77	87,14	91,18

Fonte: Banco Central.

PRINCIPAIS ÍNDICES				
ATIVIDADE (Acumulado até junho) (base: igual mês ano anterior) (%) – CEARÁ				
	2018	2019	2020	2021
Produção Física Industrial	0,0	2,1	-22,0	26,8
Pesquisa Mensal de Serviços	-9,2	-2,3	-13,4	5,8
Vendas Mensais do Varejo Comum	3,5	-1,1	-16,3	4,9
Vendas Mensais do Varejo Ampliado	4,2	2,9	-15,8	18,3
INFLAÇÃO (Acumulado até julho)				
	2018	2019	2020	2021
IPCA - BRASIL	2,83	2,54	0,90	5,81
IPCA - FORTALEZA	1,79	3,50	1,84	7,21
INPC - BRASIL	2,83	2,55	0,80	5,01
INPC - FORTALEZA	1,96	3,31	1,73	6,20
IGP-M	5,94	4,79	6,71	15,98

Fonte: IBGE e FGV.

MERCADO DE TRABALHO - CEARÁ				
INDICADOR	2018	2019	2020	2021.1
Desocupação (%)	10,1	10,1	14,4	15,1
Nível de ocupação (%)	50,3	50,8	42,8	40,4

População em idade de trabalhar	7.312 (100%)	7.410 (100%)	7.620 (100%)	7.623 (100%)
Força de trabalho (mil)	4.088 (56%)	4.185 (56%)	3.808 (50%)	3.631 (48%)
Ocupada (mil)	3.676	3.762	3.259	3.082
Formal (mil)	1.630	1.702	1.534	1.422
Informal (mil)	2.046	2.060	1.725	1.660
Desocupada (mil)	412	423	549	549
Fora da Força de trabalho (mil)	3.224 (44%)	3.225 (44%)	3.812 (50%)	3.992 (52%)
Desalentados (mil)	328	358	466	466

Rendimento médio real habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas (R\$)	2018	2019	2020	2021
	1.525	1.685	1.656	1.766

Fonte: IBGE (PNAD Contínua).

ESTOQUE DE EMPREGO FORMAIS							
REGIÃO/ANO	2015	2016	2017	2018	2019	2020*	2021* (Até julho)
Ceará	1.542.759	1.443.365	1.464.948	1.471.704	1.509.818	1.523.809	1.569.938
Nordeste	8.899.279	8.436.203	8.543.651	8.647.237	8.683.272	8.704.355	8.930.303
Brasil	48.060.807	46.060.198	46.281.590	46.631.115	47.554.211	47.630.932	49.479.236

Fonte: RAIS/ME e NOVO CAGED.

* O estoque de empregos 2020: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020.

** O estoque de empregos 2021: Estoque de empregos em 2019 + o saldo das contratações de 2020 e 2021.

Saldo de Empregos Gerados - Acumulado - 2020 - CEARÁ						
	2020			2021		
	Admissões	Desligamentos	Saldo	Admissões	Desligamentos	Saldo
JAN	36.806	34.391	2.415	41.170	33.710	7.460
JAN-FEV	74.862	65.408	9.454	85.446	66.708	18.738
JAN-MAR	108.795	106.877	1.918	120.804	104.395	16.409
JAN-ABR	121.809	155.609	-33.800	151.363	131.936	19.427
JAN-MAI	136.612	181.915	-45.303	183.072	159.599	23.473
JAN-JUN	156.057	204.187	-48.130	221.170	188.461	32.709
JAN-JUL	184.009	226.332	-42.323	264.242	218.113	46.129
JAN-AGO	218.898	249.959	-31.061			
JAN-SET	256.917	275.933	-19.016			
JAN-OUT	300.873	304.085	-3.212			
JAN-NOV	341.536	329.998	11.538			
JAN-DEZ	372.208	358.217	13.991			

Fonte: NOVO CAGED.

ABERTURA/FECHAMENTO DE EMPRESAS NO CEARÁ (ACUMULADO DE JAN - JUL)				
ESPECIFICAÇÕES	2018	2019	2020	2021
Abertura	41.167	49.078	47.641	66.099
Fechamento	60.103	18.328	15.794	21.012
Total	-18.936	30.750	31.847	45.087

Fonte: JUCEC.

PECEM - TOTAL DE MOVIMENTAÇÃO DE CARGA (TONELADAS) (ACUMULADO DE JAN-JUL)				
PERÍODO	2018	2019	2020	2021
	9.996.015	8.914.954	9.215.552	11.659.544

Fonte: CIPP

CONSUMO (MWM) DE ENERGIA (ACUMULADO DE JAN-MAR)			
	2019	2020	2021
Ceará	2.931.400	2.789.513	3.001.983

Fonte: ENEL Ceará/Departamento de Faturamento.